

★ ENTRE MIRA, SERAFINA, ROSA E TIA NEGUITA A TRAJETÓRIA E O PROTAGONISMO DE LÉA GARCIA

Fabiano Cabral de Lima

Professor, Historiador e Mestre em Educação, formado pela UFRJ.

SILVA, J. C. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita**: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia. Manaus: Editora UEA, 2023. 236 p.

*A evolução constelar de Léa García nos cristais
de prata em luz,
e seu cosmo expandindo no espaço-tempo
através de um espelho.*

O livro *Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita – a trajetória e o protagonismo de Léa García*, de autoria do Professor e Doutor em História Julio Cláudio da Silva, é baseado em pesquisas sobre a trajetória e carreira da atriz Léa Garcia, que foram iniciadas em 2015 pelo autor.

De acordo com o físico Stephen Hawking (2016), o universo em que vivemos está em expansão, ora rápida, ora devagar. É finito, a partir do ponto de vista de quando o vemos de forma espelhada, do ponto atual até a sua origem. Se os atores e atrizes que ganham destaque no teatro, cinema e televisão são popularmente chamados de “estrelas” ou “astros”, então, porque não podemos nos apropriar do termo “estrela” para acompanharmos o processo dessa expansão constelar que é Léa García?

O livro inicia com o que podemos chamar de “pré-apresentação”, apresentação e prefácio. A primeira, intitulada “Léa Garcia: espelho, régua e compasso”, de autoria da Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Campus Malês, Maria Claudia Cardoso Ferreira, evidencia a importância da documentação do início da trajetória de atriz de Léa Garcia, nos anos 1950, partindo do Teatro Experimental Negro (TEN), e tece elogios ao trabalho do au-

tor. Na apresentação, a Professora Martha Abreu, do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, evidencia a importância do livro para conhecermos o que pode ser um recorte da história das artes cênicas, nos anos 1950 e 1960, e do ativismo da atriz, para compreender como uma atriz negra lidava com questões raciais de época. O prefácio, assinado por Hebe de Mattos, Professora do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, evidencia o trabalho do autor, Julio também como biógrafo da atriz Ruth de Souza, e relata curiosidades sobre o casamento precoce de Léa com Abdias do Nascimento, fundador do TEN e militante negro e, também, do seu ingresso no teatro, passando pelo cinema e a premiação em Cannes em 1957, até a televisão. Da introdução do livro adiante tudo é escrito pelo autor e seria um resumo da trajetória de Léa Garcia, do nascimento, passando pelo TEN até a televisão. É um trabalho que se apropria de relatos de História Oral, de entrevistas dadas pela atriz à imprensa, pesquisa documental e algumas fotografias.

A nebulosa se formando. O primeiro capítulo de título “‘Você não vai ser uma neguinha de pé no chão’: a respeitabilidade negra como projeto”, tem dois subcapítulos: “Respeitabilidade, insubordinação e descoberta da negritude” e “Das descobertas da negritude e do TEN”. Nascida em 11 de março de 1933, viveu a sua infância e adolescência durante as duas Eras Vargas, época em que a rádio e o teatro de revista se expandiram. Nasceu na antiga

maternidade **Pró Matre** na região da Gamboa, no Rio de Janeiro. Léa passou por situações de racismo em eventos do cotidiano. A primeira vez, ainda criança, pessoas brancas chamaram a sua atenção em um dia em que estava com outras crianças negras em um chafariz se divertindo. Foi quando ela se descobriu como mulher negra. Teve casos de assédio relatados quando precisava fazer uso dos bondes, transportando-se pelo Rio de Janeiro. Por diversas vezes se encontrou com falas de sua avó, e mãe (mulheres que têm suas trajetórias de vidas durante os processos abolicionistas no Brasil), que diziam que ela não deveria ser uma “neguinha de andar de pé no chão” (Da Silva, p. 39) para que se diferenciasse das crianças pobres que andavam descalças.

Uma **Protoestrela**. Ainda no primeiro capítulo, é descrito que no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, Léa García entre a adolescência e juventude, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, conheceu e fez amizade com a atriz Ruth de Souza durante aulas particulares de inglês. Ao ingressar na TEN, substituiu Ruth em diversas montagens, quando sua amiga foi estudar nos Estados Unidos da América (EUA). Ela também teve aulas de dança com Mercedes Batista, a primeira dançarina negra do Teatro Municipal.

A **Gigante Vermelha**: No capítulo “A estrela egressa no teatro experimental do negro” é contado que foi a partir do seu ingresso no TEN que iniciou sua relação com Abdias Nascimento, que era ligado a militância do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e que Léa García entrou na militância e defesa pelo reconhecimento das artes realizadas pelos artistas negros no Brasil. Participou de montagens de peças como **Rapsódia negra**, que foi a sua estreia como atriz, no Teatro Recreio (1952), **O filho pródigo** (1953), **Todos os filhos de deus têm asas**, **Imperador Jones**, **Onde está marcada a cruz** (1954) e **Sortilégio** (1957). A crítica das montagens realizadas pelo TEN e por Abdias na imprensa sempre foram positivas, mas a bilheteria sempre foi baixa. **O filho pródigo** entre as montagens do

TEN, foi a que teve maior sucesso por construírem uma parceria com a Igreja Católica. Mas o maior sucesso, que até concorreu a premiações, foi **Orfeu Negro**, de Vinicius de Moraes, que ganhou adaptação para o cinema. O sucesso das peças que tiveram intervenções realizadas por intelectuais brancos evidenciam o racismo do público de época que desacreditava na arte produzida 100% por artistas negros.

A **Super Gigante Vermelha**. O capítulo “Léa García, o TEN e Orfeu da Conceição” é dedicado às suas diferentes participações em montagens no Teatro e no Cinema, de **Orfeu da Conceição**, **Orfeu negro** ou **Orfeu do carnaval** (o mesmo texto tem diferentes títulos) interpretou em cada montagem três personagens: Eurídice, Mira e Serafina. No teatro interpretou Eurídice, em uma das montagens, por escolha do próprio Vinicius de Moraes, e relata da sua vontade de fazer Mira no cinema, sendo que também já havia a feito numa das montagens. No capítulo “Orfeu negro, dupla estreia” relata as intervenções do diretor francês Marcel Camus, no cinema e que, por escolha dele, ficou com a personagem Serafina, uma personagem mais cômica, enquanto a namorada do diretor, a atriz americana Marphesa Dawn, ficou com a segunda protagonista Eurídice. Orfeu, primeiro protagonista, ficou com o jogador de futebol Breno Mello. A peça foi um sucesso no cinema, tendo sido Serafina o primeiro papel no cinema realizado pela atriz, e concorreu à Palma de Ouro no festival de Cannes em 1959, evento em que Léa também concorria como atriz e não levou, por não ir a premiação. Léa García durante a produção do filme esteve na França e inclusive conheceu sua dubladora que não é descrita como branca. É relatado um caso em que ela pegou um elevador antigo e havia reclamado da estrutura do aparelho na França que parecia uma gaiola. Alguém branco havia a perguntado se ela teria andado de elevador alguma vez na vida e respondeu que sim, pois os elevadores no Brasil eram ultramodernos e tecnológicos.

Supernova. O capítulo “Narrativas de si: ex-

periências com a discriminação racial”, e o último “A guisa de conclusão” relatam experiência como funcionária pública federal, do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DENARU), transferida para trabalhar com aulas de Arteterapia, com pessoas internas do Instituto Philippe Pinel, hospital psiquiátrico da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, atendido atualmente pelo Sistema Único de Saúde. Fala que o seu trabalho no teatro e no cinema foi abertura para que fosse chamada para ingressar na Teledramaturgia das Emissoras de Televisão. aparelho que transmite imagens a partir de um tubo de nêutrons em cristais de prata reluzentes! É importante frisar que as montagens do teatro eram televisionadas pela TV Tupi no Rio de Janeiro, e *Orfeu da Conceição* foi transmitido pela emissora local, a TV Continental. Interpretou diversas personagens de novelas, e a que teve mais destaque internacional foi a vilã Rosa, de *Escrava Isaura* (TV Globo, 1976). De acordo com Léa Garcia, a sua vilã, só tinha esta característica, pela questão histórica de que Rosa sofria de repressão dos brancos, pois era uma mulher escravizada. É importante frisar que essa novela não foi apenas sobre questões históricas abolicionistas. Foi uma novela criada em contexto de ditadura civil-militar (Halperin, 2020) para crítica ao patriarcado político antidemocrático, antirrepublicano e racista existente na época (Halperin, 2024). Rosa era um retrato da mulher condicionada pelo patriarcado que reproduzia o ódio contra os brancos que a reprimiram historicamente, naquela condição violenta existente, e essa é a defesa de Léa sobre a personagem. Foi através dela que Léa viajou o mundo com o elenco para diversos Países como a China e Cuba. Inclusive relata que Fidel Castro mandou um voo da comitiva da TV Globo parar para que todos no avião pudessem assistir ao capítulo de *Escrava Isaura*. Léa relata que o fato de as produções brasileiras terem negros interpretando escravizados, é por uma questão histórica sobre o passado nacional e o cenário que existia no Brasil até o século XIX, porém, há personagens que são rubricados

para serem negros em novelas, e que às vezes é um incomodo ter que rubricar quem deve ser negro. A atriz cita o livro *Flicts*, de Ziraldo como exemplo de personagem que não tem essa rubrica e pode ser interpretado como negro. Léa relata que Abdias Nascimento, que foi seu cônjuge, foi a pessoa que a colocou na luta e na militância pela visibilidade negra, e que com ele teve dois filhos, Henrique e Abdias Filho. Os seus últimos trabalhos foram a personagem Tia Neguita pela Globofilmes, em 2022, e na comédia *Barba Cabelo & Bigode*, da Netflix (2023) participando como Mãe Andinha.

Uma **estrela de nêutrons**, que se formou no TEN, expandiu-se internacionalmente com as suas personagens em outra constelação de trabalhos. Encerrou sua vida sendo reconhecida no Festival de Gramado no ano de 2023, em que foi homenageada pelo seu conjunto da obra artística. E foi no dia 15 de agosto de 2023, na madrugada anterior à premiação, que ela partiu e se tornou uma grande energia no espaço-tempo para inspirar futuras gerações nas militâncias artísticas através do espelho mágico da interpretação.

Referências

- HALPERIN, P. Então ela é escrava? *Escrava Isaura*, history and national identity. **Significação: revista de cultura audiovisual**, v. 47, n. 53, p. 162-183, 2020.
- HALPERIN, P. *Escrava Isaura (1976-1977): História, Nostalgia e Melodrama*. In DA SILVA, J. G., DA COSTA, M. A. B., LIMA, F. C. *Ensino de História & Teledramaturgia*. Paco Editorial, 2024.
- HAWKING, S. **O universo numa casca de noz**. Editora Intrínseca, 2016.
- SILVA, J. C. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. Editora UEA, 2023.